

NATIONALBIBLIOTHEK  
IN WIEN

123182-A

**ALT-**







# OBRAS POETICAS;

FEITAS

POR ANTONIO PINTO DA FONSECA NEVES,

SEGUNDO TENENTE DE ARTILHARIA;

## VICTIMA

Da vergonhosa Sentença, proferida no Juizo  
da Inconfidencia, em 15 de Outubro de 1817.



L I S B O A :

Na Officina da Viuva de Lino da Silva Godinho;

Anno de 1821.

Rua dos Cavalheiros N.º 79, primeiro andar.

---

*Vende-se por 480 réis, em todas as Lojas  
do costume.*

123182-A

**Que maneira tão áspera de penna,**

.....  
.....

**Se no processo meu estendo os olhos,  
Tão cheios de trabalhos vejo os dias,  
Que já não gosto nem do mesmo gosto.**

***Camões.***

## SONETO.

Deos ! ó Grande Deos Onnipotente,  
Que és Trino, que és hum só, só Divindade;  
Os Soberanos Olhos por piedade,  
Benigno volve, ampara hum innocente :

Tu meu Divino Escudo Omnisciente,  
Só podes aclarar toda a verdade ;  
Rasgando o véo á perfida maldade,  
Que tenta hoje tornar-me delinquente :

Ah ! guia o meu Juiz : severo inquirá  
Qual meu delicto foi ; interno, ou extetno ;  
E, se eu culpado for, co' a Lei me fira ;

Pena o meu crime ; nem o quero terno ;  
Da dor não ouça os ais : morte profira ;  
Mas depois della não me deis o Inferno.

## S O N E T O.

**Maria, Mãe de Deos! dos Ceos Rainha,  
Oh! Paz da humanidade atribulada,  
A cujas Plantas geme agrilhoadas  
A sérpe, que infestando o mundo vinha:**

**Tu, que d'huma innocente és a Madrinha,  
Que foi, antes de ser, a ti votada,  
No apoio do Pai, firm' a affilhada,  
Melhora, por bem della a forte minha:**

**A ti, que tens o Scepbro da Clemencia;  
Recorre hum triste, a quem raivosa intriga  
Quer denegrir a candida innocencia:**

**Dá-me conforto; porque senão diga  
Que a mim mesmo roubei minha existencia:  
Pois senão fores tu, de certo p'riga.**



*A minha mulher***S O N E T O.**

Quando teus olhos sobre mim lançarão,  
Ternas vistas de amor, a amor só dados;  
Quando os cabellos teus por delicados  
Pulçõs dados a Marte agrilhoarão :

Quando as tuas palavras me jurarão  
De minha ferir apesar dos Fados :  
Quando nas nossas mãos laços sagrados  
Nas Aras d'Hymineo amor ligarão ;

Quando a primeira vez cara Conforte ,  
Teu seio virginal toquei gostoso ,  
Que Amor nos deo reciproco transporte ;

Fôra melhor que hum raio estrepitoso ,  
Cahindo sobre mim, me desse a morte ;  
Q' então foras feliz , e eu mais ditoso.

*A minha mulher, e filha*

## S O N E T O.

Minha filha, meu bem, minha Conforte;  
 Objectos do amor mais extremo,  
 Lamentai o meu fado rigoroso;  
 Chorai comigo a minha triste sorte:

O não vos poder ver, he mal tão forte,  
 Com que não pôde hum coração saudoso,  
 E, se mais teima o meu destino irroso,  
 Voluntario me entrego á doce morte:

Ella só pôde consolar hum triste,  
 Que ausente do seu bem, que mais adora,  
 Sem crime algum n'hum cabaloço existe:

Já sinto avizinhar-se a feliz hora:  
 He forte o coração; mas não resiste...  
 Calla-te Esposa, que o meu mal melhora.

*Resposta da Esposa ao antecidente, pelo  
mesmos finaes*

## S O N E T O.

Se amas a filha, se amas a Conforte,  
Deves a vida amar mais extremo;  
Deves zombar do fado rigoroso;  
Virtude heroica he sup'rior á forte:

Se o mal he grande; o cotação mais forte  
Vencello deve, e a meu amor faudoso,  
Guardar os dias, que o destino iroso  
Não separa dos meus em vida, ou morte;

Ha de acabar a ausencia; a Esposa triste  
Comtigo ha de ser leda; pois te adora;  
Para ti só respira, pensa, e existe:

Prepara a Providencia a feliz hora  
Do prazer; a quem firme ao mal resiste;  
E a fortuna vencida se melhora.

*No dia em que a filha do Author fazia  
hum anno,*

## S O N E T O.

Caro fructo d'amor; minha ternura;  
Premio, que só ganhei d'amor na lida,  
Q' és flor inda em botão, reproduzida  
De hum tronco a quem persegue a desventura

Sê o prazer da Mãe, tão casta, e pura,  
Que por ordem do Ceo te deo a vida,  
Em quanto ao Pai a forte desabrida  
Os dias lhe envenena de amargura:

Quando nos braços seus te der encoito,  
Offrecendo-te o peito, e o sustento,  
Que bebes ainda sem sentir desgosto;

Com affagos modera o seu tormento,  
Com as tenrinhas mãos palpa-lhe o rosto,  
Que nisto lhe darás contentamento.

*No mesmo dia.***S O N E T O.**

Tenro pomo d'amor , ainda envolvido  
 Na flor que te produz ; reconcentrado  
 No puro germen , que te tem formado ;  
 Mas de tal producção arrependido :

O Ceo te chame a si , o Ceo doído  
 Do teu Progenitor tão desgraçado ;  
 De ti , de tua Mãi se opponha ao fado ,  
 Que tanto tem de nós escarnecido :

Antes que á primavera de teus dias  
 Sobre-saia a razão , a morte , a morte .  
 Do triste Pai te esconda as cinzas frias :

A ti , ... á Mãi , ... ao Pai leve de hum córte ,  
 Por não Herdares minhas agonias ,  
 A minha desventura , a minha sorte .

*Feito em hum dos segredos aonde esteve o*  
*Author : denominado : Segredo do Inferno.*

## S O N E T O.

Medonha gruta , Carcere do Inferno ,  
Negra caverna , onde o silencio mora ,  
Propria a nutrir o mal , que me devora ,  
Que lasca , e punge o coração mais terno :

Triste lugar , onde o pavor eterno  
A ferir dos meus males affervora ;  
Aonde hum innocente afflicto chora ,  
Prezo á calumnia , que surgio do Averno :

Não tens vivente algum mais que a tristeza  
Reproduzida em mim : áqui recsia  
De exercer as funções a natureza !

Té para te tornar ainda mais feia  
Té não consente ; pasmo de estranheza !  
Alguma aranha , mosca , ou centopeia !

*A sensibilidade.***S O N E T O.**

A ternura he hum mal, que bem parece,  
 He hum bem, que nos trás hum mal vehemente,  
 Socego, que o trabalho põem patente,  
 Trabalho, que o socego desvanece;

He pena, aonde só gosto apparece,  
 He gosto, que se troca em pena ingente,  
 He vida, aonde só morte se sente,  
 He morte, aonde a vida resplandece;

He da confolação, a doce guia,  
 He guia do pezar, a que anda preza,  
 He mágoa, que em prazeres se avalia,

He alegria, que nos dá tristeza,  
 Tristeza, que nos dá doce alegria;  
 Eis da sensibilidade a natureza.

*Aos trastes que achei em o segredo no Castello.*

## SONETO.

A porta, que se abriu a antiguidade,  
Que não sei se he de pão, se de farinha,  
Posta sobre dous bancos da Cozinha; (1)  
Que teve Adão lá na primeira idade:

Banco, em que descansou a Divindade,  
Depois que feito a grande obra tinha;  
Meza, que da que foi não se adivinha,  
Com pés dados por pia caridade: (2)

Hum çujo castiçal, que Elias vira,  
Entre outros trastes que do Pai herdara;  
E hum jarro onde José Leite mugira:

Eis os trastes que hum Guarda apresentára  
A hum triste prezo que analyza, e admira  
De cada hum delles avelhice rara!

---

(1) Huma velha porta, sobre dous bancos podres, era a barra da cama.

(2) A meza aonde comia tinha de hum lado os pés de outra.



*A' minha passada vida,*

**S O N E T O.**

Se rasgo o véo á já passada vida,  
E o livro della imparcial folheio,  
Por mais que estudo, que analyso, e leio,  
Não acho huma acção só ao crime unida:

Respeito o Rei, a Lei não me intimida,  
Pois do bom Cidadão he firme esteio;  
Jámais roubei o credito alheio;  
Jámais fui falteador, nem homicida:

Adoro quanto posso a Divindade,  
Tenho hum bom coração, hum' alma nobre,  
Choro, se chorar vejo a humanidade;

Alento o afflicto porque não soçobre;  
Faço quanto me ensina a caridade,  
A favor do indigente, a bem do pobre.

## S O N E T O.

Cospe calunnia vil, cospe em meus dias  
Os crimes todos, que sonhaste irada,  
Vontade na minh' alma socegada,  
Imposuras. traições, atrevosias:

Vai ao lugar no qual fazer devias,  
Convoca as fúrias da infernal morada,  
E vem de todas ellas escoltada,  
Trás, contra mim quantos venenos crias:

Juntas em turbilhão, correi sem freio  
De casa do Juiz ao meu segredo,  
Da minha perda escogitai o meio:

Traçai o plano do mortal enredo;  
Minha innocencia jámais tem recuo;  
O Ceo me escuda; não; não tenho medo.

*Do Sol.*

## S O N E T O.

Astro brilhante , que dás luz ao dia,  
Que fazes reviver a natureza;  
Que dás verdor ao prado, á flor belleza;  
Que nutres tudo quanto a terra cria:

Astro brilhante , annuncio d'alegria ,  
A tudo quanto habita a redondeza,  
Que sacodes dos homens a molleza,  
Que despertas nas aves a harmonia:

Astro brilhante , vem antes que foides  
Os Antypodos , vem , vem vêr hum afflicto ,  
Mas ai que em vão te chamo, não respondes,

Ah ! não ; não te horrorisa o meu delicto ,  
A causa , a causa fei ; porque te escondes ,  
Tremes , tremes de entrar aonde habito !

*Ao inventor da prisão: Segredo.*

## S O N E T O.

Maldito sejas tu impio inventor,  
Do segredo; prisão a mais fatal,  
Habitação só propria do animal,  
Que não tem semelhança ao Creator:

Maldito sejas fraco seductor,  
Pois da fraqueza se origina o mal;  
Soffrendo estejas tu pena infernal,  
Sem que te gaste o fogo abrazador:

Trinquem-te o coração abutres mil,  
Calquem-te o collo os pés de Satanaz,  
Já que fos-te aos tyrannos tão servil;

Mas em premio do invento inda serás,  
Da Intendencia do Inferno hum agozail,  
Ou das furias, e Larvas Capataz.

*O soffrimento do Segredo.*

**S O N E T O.**

Em Catcere medonho afferrolhado ,  
Qual impio delator, duro assassino ,  
Sem mais soccorro ter, do que o Divino  
Unico amparo para hum desgraçado :

Vedado aos homens , ao prazer roubado ,  
Entregue á dôr , á magoa , ao desatino ,  
A que póde levalllo impio destino ,  
Cujas redeas governa iniquo fado :

Soffrer callado o Carcereiro astuto ;  
Se as portas se abrem , ter prazer, ou medo ;  
Beber , e respirar hum ar corrupto :

Esperar o Juiz , ou tarde , ou cedo ,  
Viver em cova , como vive o bruto ,  
Eis quanto soffre hum prezo n'hum Segredo .

*A. desesperação.***S O N E T O.**

Larvas, Gorgonas, fúrias do Coccyto,  
 Sombras errantes, spectros descarnados,  
 Em chusma vos juntai ouvi meus brados,  
 A meus rogos cedei, vinde a meu grito:

Entraí no calabauço d'hum afficto,  
 Onde gasta os seus dias malfadados,  
 E vade se lá dais aos desgraçados,  
 Tão horrído lugar ao seu delicto:

Se hum da fome, e da sede não se exime,  
 Se o outro gira a huma roda atado,  
 E ainda a outro enorme pedra oprime;

Cad' hum purga o delicto perpetrado;  
 Mas eu que nem dormindo sonhei crime,  
 Porque, porque serei tão desgraçado?

No dia em que a mulher de Asubar (eua  
achava presa) completava 19 annos.

## S O N E T O.

Minha cara metade, Esposa amante,  
Digna de melhor bem, de melhor sorte!  
Como poderá ser que o teu Consorte,  
Gemendo em ferros os teus annos cante?

Tremulo, attenuado, vacillante,  
O pescoço inclinando ao duro corte,  
Da força, ou fado, que ao desterro, á morte...  
Leva o Esposo teu, no amor constante:

Na flor dos annos teus, destino iroso,  
Se ha Destino, meu bem, com força bruta,  
Dos teus braços arranca o amante Esposo!

Forém hum Vate, que o futuro escruta,  
Prevê que inda virá tempo ditoso, (1)  
Que te veja o Marido a face enxuta.

---

(1) Chegou este tempo tão-desejado com  
a liberdade Nacional.

No dia 28 de Junho de 1818, dia em que a  
filha do Author completava dois annos.

## S O N E T O.

Qual flor a quem viçosa Primavera,  
Abafa ainda em bersó melindroso,  
Que vai rompendo o calice mimoso,  
Que vai surgindo a ver a azul Esfera;

A quem Favonio brando considera,  
Mais hum thesouro a seu amor ancioso,  
Que em torno della sempre cuidadoso,  
A defende do Sol, e a refrigera:

Assim crescendo vais linda criança,  
Delicado botão d'amor jucundo  
Sendo do Pai, e Mãi doce esperança:

Se da teima ceder fado iracundo,  
Se a tempestade succeder bonança;  
Hasde á sombra do Pai brilhar no Mundo.



*A vida campestre.*

## S O N E T O,

Venturoso Pastor, que em relva amena

Dás tenro pasto ao innocente gado,

Do teu fiel rafeiro acompanhado,

Tirando doce som da doce avêna:

Quanto, quanto és feliz, desgosto, ou pena?

Não vão manchar o teu ditoso estado;

Do Cortezão não vez postigo agrado,

Nem o ar da Cidade te envenena:

Sustentas-te do leite, e o companheiro,

Dormes a somno solto, e o teu rebanho

Descança na vigilia do rafeiro:

Vestes da Lã que tece o tosco amanhã,

Ignoras o que vai no mundo inteiro,

Oh! quem gozar poderá hum bem tamanho.

*Ao corte de huma flor. (1)*

## S O N E T O.

Nize, Nize suspende a mão formosa,  
 Mão que feita não foi para homicida,  
 Se c' hum sorriso teu podes dar vida,  
 Para que has de titalla a flor mimosa?

Não cortes não... mas ei que a linda rosa  
 Já do germen vigoroso he dividida;  
 Assim como és comigo desabrida,  
 Quizeste com a flor ser rigorosa:

Que exemplo tu me dás no que fizeste!  
 Da flor trataste; mas com esse corte,  
 Todo o teu beneficio desfizeste:

Eu espero cruel a mesma sorte,  
 A mea ardente amor principio deste  
 Has de, Nize cruel, levalllo á morte.

---

(1) Acção observada de hum dos Segredos.

*Feito estando o Author prêzo abordo da N.ª  
Principe do Brazil, e dedicado ao Nasci-  
mento da Princeza do Portugal, Brazil,  
e Algarves, em 1819.*

## S O N E T O.

Rompe-se o véo azul, que encobre o dia;  
E sai pelo rasgão risonha Aurora,  
Febo a poz ella os Orisontes cora,  
Das agoas manças, o vapor desvia;

Entranhada na selva a mais sombria  
Filoméla, o seu mal, ou canta, ou chora;  
Zéfiro brando beija os dons de Flora,  
Ceva os desejos, em que ha muito ardia.

Brincão as Nymphas sobre as limpas agoas,  
Lindas Napeias com festões se enfeitão,  
Nutrem os Faunos amorosas fragoas;

Alegres parabens, se dão, se aceitão,  
Tudo contente está; só minhas magoas.  
Triste de mim! nem teu Natal respeitão.

*A hum Gato que' visitava o Author em hum  
dos seus segredos.*

## SONETO.

Bruto feliz, a quem a humana raça  
Chama fera, sem ter algum motivo,  
Mais feroz foras tu, e mais esquivo,  
Se tiveras razão, funesta graça!

Do homem, que a cultiva, he sempre escassa,  
A visita ao lugar aonde vivo;  
Porém tu, que a não tens, mais compassivo  
Queres acompanhar minha desgraça:

Ah! não me deixes só neste tormento;  
Sê por piedade a minha companhia,  
Dividirei contigo o meu sustento:

Mas não; deixa me só nesta agonia;  
Foge... foge de mim, deste apozento...  
Dos homens foge... escapa á tyrannia.

*Remettendo a Excellentissima Senhora D.  
Eugenia de Noronha, hum Requerimento  
do Author para o Rio de Janeiro.*

## S O N E T O.

O' tu Eugenia, ó tu, cuja piedade  
He em todo o Universo tão notoria,  
Que fazes consistir a tua Gloria  
Em rir, ou em chorar co' a humanidade :

Quebra os ferros crueis, com que a maldade  
Me agrilhoa, e esta obra meritoria  
Dará mais luz, mais brilho á tua historia,  
O teu nome levando á Eternidade :

Salva, salva, Senhora, hum desgraçado,  
Que dos malles no pelago flutua,  
E que sem crime geme agrilhoado :

Sê remedio do mal, que me atenua;  
Liberdade me dá; vence o meu fado;  
Não cedas a ninguém, seja a acção tua.

*A ElRei o Senhor D. João VI., junto a  
hum requerimento.*

## S O N E T O.

A ti sabio João maior que Augusto,  
Que d'hum ao outro Polo o Mundo abraças,  
Que os teus Vassallos com ternura enlaças,  
Que a paz lhe dás do teu soccego a custo:

A ti que és terno, generoso, e justo,  
Que enches ó povo teu de immensas Graças;  
Vou dirigir, Senhor, minhas desgraças  
Forjadas por traição do fado injusto:

Por crime, que jámais foi perpetrado,  
Por palavra, por obra, ou pensamento,  
Fui prezo, estou banido, e enxovalhado:

He desgraça, não he merecimento,  
Que me condemna a ser expatriado,  
Valha-me, Alto Senhor, teu valimento.

*Impróvisado no 1. de Janeiro de 1819, dia  
em que sahi para o meu degredo.*

## S O N E T O.

Adeos, Espôsa, adeos, que hum innocente  
Irá longe de ti perder a vida,  
Sentença injusta, perfida, atrevida,  
Assim o manda, e a Patria tho consente!..

A minha Patria, que me vio contente  
Ajudar-lhe a curar velha ferida!..  
Eis com que premio agora me convida!..  
Cruel desterro!.. ó despotismo ingente!

Mas se o que tudo sabe, hoje permite  
Que a triste Lisia gema aferrolhada,  
Nem sempre ha de negar-se ao seu convite;

Se hoje suspira, e chora agrilhoadas!..  
Tão bem o despotismo tem limite;  
Eu morrerei; mas tu-serás vingada.

*Feito quando o Author foi para Monte Videã  
cumprir o Decreto de 9 de Abril de 1819.*

## SONETO.

De meus malles a rapida corrente  
Inda não acabou, tuçaro fado  
Dá rda ao movimento accellerado  
Sopra cada vez mais, mais insolente:

Depois de insultos mil, e da demente  
Sentença, que me tem enxovalhado,  
Restava ainda vêr-me separado  
Dos *Amigos da Patria*, oh! dôr vehemente:

Deixei Filha, e Mulher, Pais, e Parentes  
Alguns bens, que á lissonja inda escaparão  
Expostos, á rapina de indolentes:

Sem provas, por Traidor me condemnarão!  
Mas ó da Lisis Heróes, julgai prudentes,  
Se ô sou eu, se os vís que me julgarão?



*Feita em Monte Video, e impresso no Astrô.*  
N. 217.

## S O N E T O.

*Dulce et decorum est pro Patri mori.*  
Hor.

De nada serve ás victimas honradas  
Tanto pranto de Lisia agradecida;  
Huma Tragedia não as trás á vida,  
Nem honras funeraes as dão vingadas:

Não se pertende vêr ensanguentadas  
As mãos de algum verdugo juricida;  
Nem no campo dos Martyres erguida  
Nova forza, ou cabeças decepadas:

Puras idéas, nobre sentimento,  
Inspira, e nutre, a doce liberdade,  
Que desfez o poder sanguicedento:

Não, não se imite a furia da maldade;  
Mas levante-se em Lisia hum monumento;  
Passem seus nomes á futura idade.

*Em 18 de Outubro de 1821, anniversario das  
terriveis fogueiras do Campo de Santa Anna.*

## S O N E T O.

Eis o dia infeliz em q' á desdita  
Unio a infamia, o despotismo onfado !  
Dia de horror ás furias consagrado,  
De luto, e dôr, que o nosso pranto excita:

Eis huma sombra, que outra sombra irrita!  
Eis acolá o Campo ensanguentado !  
Eis a fogueira !!! e o Téjo horrorisado !  
Eis Lisia inda chorosa, que assim grita:

*Juntai algumas cinzas dispersadas  
Das Victimas que á Patria se votarão  
Por trafico, e por odio assassinadas !*

*Dai-lhe as honras, que então se lhe negarão ;  
E, em triste Mauzoléo depositadas,  
Façam tremer os vis, que as condemnarão.*

O D E (I).

Eu innocente  
Gemendo em ferros!  
Qual he meu crime?  
Quaes são meus erros?

Negra calumnia!  
Monstro infernal,  
Que me cravaſte  
Ferreo punhal.

De Viriato  
Me lembra a forte,  
A quem perfidia  
Deu impia morte.

---

(I) Esta Ode, que dá huma idéa da minha vida Militar, ficou escrita (assim como muitos dos antecedentes Sonetos) nas paredes de hum dos Segredos do Castello, com os pés de ginjas, e tinta das botas.

Como elle sirvo  
 A Patria honrado;  
 Como elle soffro,  
 Tyranno fado!

Se elle debella  
 Impios Romanos;  
 Eu intimidado  
 Gallos tyrannos.

Ergo em Lamego  
 Prisca Cidade  
 A voz primeira  
 Da Liberdade.

A's Armas corro ,  
 E em marcia lida;  
 Entre paizanos  
 Exponho a vida.

A's Muzas peço .  
 Alto favor;  
 Versos então  
 Que dão valloz.

Affim servi

A Patria, o Estado;

Deixo o tumulto,

Vou ser Soldado.

Já nas fileiras

Sou voluntario;

Não me intimida

Scoadrão contrario.

Lisia atraveço

Entro em Galiza;

He *Gloria*, ou *morte*

Minha diviza.

Regi na Hespanha

Gáz fulminante;

Entro em Lisboa

Já triunfante.

Destas fadigas

Premios não peço;

Fiz meu dever

Nada careço.

**Mas Patria ingrata,  
Senão premeias;  
Porque me rasgas  
Cançadas veias.**

**Ah! não espalhes  
Sangue tão puro;  
De quem jámais  
Te fui prejuizo.**

*No dia da accariação com Cabral.*

## O D E

Para traçar-te ó cara Companheira,  
O Quadro triste da existencia minha,  
Nem cores acha, nem pinceis aprompta  
O Estro mais intrepido.

Pois para se pintar, tal qual existo  
Envolvido nos malles, precisára  
Do Inferno as cores, e o pincel seria  
O facho das Eumenides.

Mas a teus olhos vou levar ó cara  
Signaes apenas, da existencia minha,  
Prepara o coração ao golpe, e chora  
O meu destino horrido.

Pinta na tua idéa o Esposo triste  
Roubado ao coração da Esposa amante,  
Roubado á filha . . . ao prazer roubado,  
Da familia solida.

Ver romper a manhã, fechar-se a noite,  
 Ver a noite fugir, voltar o dia  
 Entre ferros chamado delinquente,  
 De delicto atrozissimo...

Ver d'hum lado o Juiz, ver do outro lado,  
 Feroz monstro infernal parto das fúrias,  
 Vomitando trações, calumnias mortes  
 Sobre a innocencia candida!

Voltar ao meu segredo, ao meu inferno,  
 Ver-me cada vez mais desesperado,  
 De tornar a gozar da liberdade  
 Innocente, e pacifico!

Não poder passear hum só momento,  
 Hum só momento não estar parado;  
 Querer; e não querer... eu não entendo  
 Minhas, ideas servidas.

Ouvir abrir a porta a pílula dura,  
 Guarda, que me condaz triste alimento,  
 Que fôra em outra parte sabotoso;  
 Mas aqui he insipido.



Se vélo me delide a dôr vehemente;  
Se durmo ( se he dormir nutrindo magoas )  
Horriveis sonhos affalteião, pungem  
O atribulado espirito.

• Acordo, e vejo ao lado a morte horrenda  
Cortando o fio á innocente vida . . .  
Que era tua meu bem, que vejo entregue  
A' vil calumpnia rabida.

Eis o Quadro medonho ó doce amada  
Que te apresenta o teu amante Esposo;  
Eis a pintura pavorosa, e triste  
Da minha forte proxima.

*Em 15 de Outubro de 1821 dia em que foi  
lançada a primeira pedra para o Monu-  
mento da nossa Liberdade: no Rocio.*

### ODE SAPHICA.

Surja raivosa, de terror cercada,  
O monstro enorme denegrída inveja,  
Mordendo a cauda se evapore em pragas  
Tetrica furia.

Vomite em sangue pelas fauces torpes  
Veneno infano, da tartaria gruta;  
Aos olhos venhão, dos faroes do inferno  
Lividas chammas.

C'o as unhas curvas Empolgando as fauces  
De monstro igual, enfurecidos ambos,  
Fação gemer as cinuoas grutas  
Rabidas serpes.

As mãos estenda ao despoitismo infame;  
Plutão sanhudo enexoravel sempre;  
Na Estancia triste onde alardeia, e reina,  
Circulos forme.

• No centro delles se confunda a turba  
Dos vis Ministros, que mandara ao Mundo;  
E a perda jurem da liberta Lisia  
Putridas bocas.

Debalde accendem seu rancor eterno,  
Serão sem fructo seus terriveis planos;  
Debalde forjão rebatidos ferros  
Horridos Monstros.

O Ceo q' out'ora nos punia as culpas,  
Benigno ampara os já ditosos Luzos,  
Da Liberdade o Edifício firmão  
Solidas bases.

E a vós Heróes, que a vida Illustre expondo  
A independencia Nacional firmastes,  
Em recompença vos dedica a fama  
Triplíce Gloria.

*Parece propria para ser gravada no dito  
Monumento a seguinte*

## O I T A V A.

Observa, pára, é ve ó caminhante  
Da Lisia Augusta, o Augusto Monumento,  
N'elle não vez algum Busto arrogante  
De Guerreiro feroz sanguinolento;  
Nem tão pouco do Déspota insultante  
Verás gravado aqui o atrevimento;  
Mais merito lhe vez, mais dignidade,  
He testemunho á Lusa Liberdade.

*Feita em 6 de Junho de 1817, e conservada na memoria té que o Author sabio do Segrado, onde esteve 104 dias.*

## EPISTOLA.

Já dezo vezes tinha o sol rompido  
Da noite o manto, e afogentado as sombras,  
E eu n'hum calabouço, aferrolhado  
Debaixo de huma abobeda, que póde  
Ao choque resistir do raio ardente:  
Pequeno espaço aonde chora hum triste,  
Seus malles não: mas da Conforte os males,  
Fechado por parede, que não cede  
Aos estragos do tempo devorante:  
Rota a groça parede, eis a janéla  
A' qual guarnecem de huma parte, e d'outra  
Groças grades de ferro que bem podem  
A's forças resistir de hum Elefante:  
Debaixo de oito portas ferrolhado,  
Cujas chaves, e gonzos poderião  
A cancelleira vedar ao cão do Inferno:  
Duros vigias por costume, e medo,

Cruéis por força, a quem dever ordens,  
 Que não dem á ternura acolhimento,  
 E cada hum delles, senão tem cem olhos,  
 Excede na vigilia ao proprio Argoz,  
 Exercendo do Inferno a crueldade.

Mais guardado não he do avaro o cofre,  
 Do que he neste lugar hum desgraçado,  
 Ou seja por delicto, ou por suspeita  
 Forjada por intriga sanguinaria.

Neste horrivel lugar, vedado ao gosto  
 De manter a razão, e liberdade,  
 Da Filha, e da Conforte lamentava  
 A forte, que lhe dava involuntario.

Meia carreira tinha a noite andado,  
 E eu longe do repouso inda nutria  
 Do triste coração a dor vehemente,  
 E para aliviallo aos olhos dava  
 Lugar, para correr amargo pranto:  
 Eis falta o coração ao som terrivel  
 Das chaves, que os ferrolhos defendavão;  
 Abre a ultima porta o Carcereiro,

E me diz defabrido: *anda comigo*  
*Que de entre ferros, vai para entre ferros.*

Qual victima que vai ao sacrificio,  
 Assim eu vou seguindo o feroz guia,  
 Que me entrega a quem cumpre ordem terrivel,  
 Por mais que peça ao duro Carcereiro,  
 Que me deixe levar a pobre cama,  
 Onde possa encostar magoado o corpo:  
 São baldadas as supplicas, as preces;  
 São baldados os rogos, me responde  
 Hoje por mais que peça o não alrança.  
 Resposta propria de quem tem forrado,  
 O duro coração de ferro, ou bronze:  
 Ouvi fechar as portas do Castello,  
 E vi abrir do Limoeiro as portas;  
 Entrei, e logo sou entregue a hum guarda  
 Mais humano que os outros, pois parece,  
 Querer chorar comigo a minha sorte:  
 De escaça luz pegou, pegou das chaves,  
 E foi abrindo não sei quantas portas;  
 Huma caverna abriu, deci; abre outra,  
 Eu tornei a dezer, abre outra porta,  
 Mandou-me entrar, entrei, e diz-me: *be esse*

O terrível lugar que lhe destinão;  
 Nada posso fazer que útil-lhe seja,  
 Mais que emprestar-lhe onde o corpo encoste,  
 Aceitei-lhe o favor, e agradeçi-lhe  
 Com palavras a terna caridade.

Aqui me aternelhou, sem luz, sem agoa  
 Sem mais socorro algum, sem ti Conforte;  
 Fico peor, que aquelle, que nascera,  
 E nunca vio do mundo as maravilhas.

Com vezes me levanto, e outras tantas  
 Cuidando que as primeiras me enganarão,  
 Apalpo da parede a superficie,  
 Por ver se encontro nella alguma fresta  
 D'onde possa beber hum ar mais livre;  
 Mas são baldadas minhas esperanças,  
 Em quanto apalpo só tenteio as trevas!  
 Seis horas da manhã já tinham dado,  
 E eu sem saber ainda aonde estava:  
 Até que pouco a pouco entrava a custo  
 Medroza, escassa luz, roubada ao dia;  
 Se luz se chama as vibrações de Febo,  
 Que dando a'outra parte aqui reflectem;



Procura d'onde a luz me diz que he dia,  
 E vejo lá no simo da parede,  
 Fresta, que tem de largo hum pé quadrado;  
 Mas que tem mais de dez de comprimento  
 Por ser estreita, e longa a luz he pouca,  
 E quando chega a entrar, he já cansada.

Assim mesmo... que horror! gella-me o  
 sangue

Ao ver pela parede a câr do Inferno!  
 Onde quanto ha d'afetoso aqui de encontro!  
 Enriça-se o cabello, hum suor frio  
 Se appodeta de mim; os membros tremem,  
 E sem saber se fallo assim me explico.

Minha Filha, meu bem, minha Conforto,  
 Separadas porções d'uma Alma triste,  
 Não posso aquiviver, minha existencia  
 Vai pouco, a pouco entrar na sepultura:  
 Mas te não posso ver nos meus braços  
 Antes, theatro meus, antes a morte,  
 Quantas vezes, ó Alma, toda innocente  
 Tocando o peito... oh! quantas vezes quantas  
 Tu the dirás meu pai, e involuntaria

Outros tantos punhaes lhe cravas n'alma...  
E então terás, em vez de leite pranto!...

Ai minha filha, ai minha Esposa, agora  
Só me póde deter celeste auxilio,  
Para não decidir d'huma existencia,  
Que sem Filha, e sem ti me he tão pezada...  
Minhas delicias fois... fois meus abutres,  
Que o triste coração me estais trincando...  
Quem podera morrer! quaes condemnados  
Sem que possa acabar estou morrendo.

Que he isto ó Patria minha, ó Patria ingrata  
Se algum delicto fiz a mim te volta,  
Armada de hum punhal, sem dó, sem pena,  
Embebe no meu peito o ferro, e o punho,  
E mostralo 'ainda riuto, ainda fumando  
Aos inimigos meus, aos teus tyrannos,  
A' corja vil, aduleadora, insana  
Que me opprimem, te vendem, te agrilhoão...  
Para sem damno seu, te assassinareem!...  
Mas ai... no coração não entre o ferro  
Por não ferir a Filha, ou a Consorte...  
Outra dor... ai de mim... antes ao collo

Descarrega o cutello, applica o laço;  
 E assim paga os serviços recebidos  
 Daquelle, que por ti a vida expondo,  
 Coberto de suor, e de poeira  
 A déra satisfeito ao vil tyranno,  
 Que tão bem pretendia agrilhoarte;  
 Mas peço-te hum favor por *caridade*;  
 Se a palavra não te he desconhecida,  
 Occulta o quadro triste á Esposa amante,  
 Engana-a, diz' que vivo, até que o tempo  
 Lhe ensine a supportar a minha falta:  
 Com pouco se contenta hum desgraçado;  
 Mas quem recebe a graça, que supplica,  
 Dos serviços que fez bem pago fica.

*Dirigida a ElRei o Senhor D. João VI.,  
com hum Requerimento, em 1818.*

**EPISTOLA.**

Neste tempo quem mal cáhe  
Mal jaz, e dizem que á Luz  
Por tempo a verdade sai,  
Entretanto põe na cruz  
„O Justo, e o ladrão se vai.

*Sé de Miranda, a ElRei D. João III;  
Carta 1. Quintilha 41.*

**I.**

A vós, que sois hum Rei Justo  
Se dirige hum bom vassallo;  
A verdade a todo o custo  
Vos direi; eu não a callo;  
Mas não minto ó Rei Augusto.

2.

Quiz minha sorte mesquinha  
 Meter-me entre os vossos ferros ;  
 Eu só innocencia tinha ;  
 Mas accumularão-me erros,  
 • Tal he desventura minha.

3.

Sempre vassallo fiel  
 Respeitei a Vossa Lei,  
 Innocente como Abel  
 Me punirão: só hum Bei  
 Assim condemna em Argel.

4.

*Sempre foi sempre ha de ser  
 Quando huma só parte falla,  
 Que outra baja de gemer;  
 Se hãv jogo a todos ignalla,  
 As Leis que devem fazer?*

5.

Com rigor ; a par do zelo  
 Crime, e innocencia batalhão,  
 Com affiado cutello  
 Virtude, e crime retalhão ;  
 Bom, e máo tem igual sêllo.

D

6.

Ah! Senhor, olhes piedosos  
 Volvei a hum desgraçado,  
 A quem fados rigorosos  
 Mandão viver desterrado,  
 Ao lado de criminosos.

7.

Impio traidor sou chamado!  
 Inconfidente! Senhor,  
 Sempre fui vassallo honrado,  
 E provas do justo amor  
 Dei, no trabalho passado.

8.

Quando a vossa Patria ó Rei  
 Hum tyranno aguilhoava;  
 Com elle hum passo não dei,  
 Para si me convidava,  
 Seu serviço regeitei.

9.

Muitos ha que o aceitarão  
 Outros ha que se offerecerão,  
 Depois as armas voltarão  
 Contra a Patria, onde nascerão,  
 E no seu sangue as molharão!

10.

Afrancezados sem conto  
 Tão bem nas Becas houverão,  
 ( Os fieis eu não affronte )  
 Hum estranho Rei quizerão!  
 Por decencia os não aponte.

11.

Muitos destes cata ventos,  
 Que recatado não digo,  
 Andão hoje muito attentos;  
 E se entrasse outro inimigo  
 Vêlos-hiamos aos céntos.

12.

Mas em fim com melhor forte  
 Depois de tanto destroço,  
 De terror, de sangue, e morte;  
 Pende-lhe habito ao pescoço  
 Em lugar de laço, ou corte.

13.

Eu logo que se tratou  
 Da feliz Restauração,  
 Senhor, o primeiro sou,  
 Que, com a espada na mão,  
 Encontrar o corço vou.

D 2

14.

Em Lamego então passava  
 O mais cruel inimigo,  
 Quê a todos medo causava:  
 Chamo o Povo, o Povo sigo  
 Que em armas todo pegava.

15.

Entre o Povo amotinado  
 Expuz mil vezes a vida;  
 Depois como bom Soldado,  
 De Marte na dura lida  
 Util fui ao Vosso Estado.

16.

Em fim, Senhor quanto pude  
 Tudo dei á Patria minha,  
 Terrível trabalho, e rude  
 Só nesse tempo convinha;  
 Eu o fiz só por virtude.

17.

Não forão encarecidos  
 Os serviços que então fiz;  
 Não quiz premios merecidos;  
 Mas eu sei quem foi feliz  
 Só com serviços fingidos.



18.

Premios não quer, nem apura,  
 Vassallo desint'ressado,  
 O seu premio he a ventura  
 De bem servir o Estado,  
 Deste o achar, quando o procura.

19.

Os meus serviços não vão  
 Ferir os vossos ouvidos,  
 A pedir-vos gualardão:  
 Vão innocentes gemidos  
 Sem crime pedir perdão.

20.

*A tempo o bom Rei perdoa,  
 A tempo o ferro lê mezinha;  
 Forças, e condição boa,  
 Da sua Grei montezinha,  
 Derão ao Leão Coroa.*

21.

Com valor, fadiga, e ferro  
 A Vós sómente servi:  
 Depois, sem culpa, e sem erro,  
 Os mesmos, que defendi,  
 Me dão injusto desterro.

22.

Ah! Senhor minha innocencia  
 A todo o Mundo he patente;  
 Ou injustiça, ou demencia  
 Apunhala hum innocente:  
 Valha-me a vossa clemencia.

23.

*Pena, e galardão igual  
 O Mundo o direito tem;  
 Ha humma regra geral,  
 Que o premio se deve ao bem,  
 E só o castigo ao mal.*

24.

Eu mal, Senhor, nunca fiz,  
 Antes fiz o bem que pude;  
 Mas em fim o meu Juiz  
 (Que todo o homem se illude)  
 Que eu fosse culpado quiz.

25.

Espero agora o perdão  
 Da vossa Regia clemencia;  
 Da pena, do crime não;  
 Que o grito da innocencia  
 Rebenta em meu coração.

26.

*Vidas , e bonras guardaes  
Debaixe do vosso amparo ;  
De estranhos , e naturaes ,  
Que gemem , não muito claro ;  
Mas em fim não pôdem mais.*

27:

*Eu tãobem , Senhor , mais brados  
Quizera dar , mas não posso :  
Tenho os orgãos suffocados ;  
Até que , com perdão vello  
Veja meus ferros quebrados.*

28.

*He retracto a Magestade  
D'esse Deos de summa Alteza :  
Imite-o vossa piedade :  
O crime he da natureza ,  
O perdão da Divindade.*

*A' Excellentissima Senhora D. Eugenia de Noronha, remetendo hum requerimento do - A - para o Rio de Janeiro.*

EPISTOLA.

.... Logo que em terra cahimos  
Do chorar nos ajudamos;  
Soccorro, e ajuda pedimos;  
Nós sós para que prestamos?

*Sé de Miranda. Egologa 6. Decim. 54.*

I.

A Não da vida, Senhora,  
Onde todos embarcamos,  
Que he terrivel conductora  
Do fim a que todos vamos:

2.

Que em mar horrivel navega  
De procellosas paixões,  
Que vagando não foccéga,  
Nem nas finaes convulções.

3.

Tem por leme o appetite

Altos desejos por vélas ;

Tem por flamula o convite ,

Quasi sempre a bagatellas.

4.

A'quella maneijsa a forte ,

Ou dadivosa , ou escaça ;

Sopra a estas , fraca , ou forte

Aventura , ou a desgraça.

5.

P'ra mim a ultima furia

Soprou : cahi n'hum tormento ;

Luto em sim no mar da injuria ;

Mas já me falta o alento.

6.

Vaga de sangue me fomme ,

Entre as nuvens da impostura ,

Monstro , que não ha quem dóme

Com armas da razão pura.

7.

Que a innocencia apunhalla ,

E que a virtude atropella ,

Que feia mentita igualla

A' verdade mais singella.

8.

Que me trás na tempestade  
Do crime o mais horroroso ;  
Que apaga a luz da verdade,  
E me finge criminoso.

9.

Eis outra vaga que leva  
Aos cachopos da injustiça,  
Que em mim o seu odio fêra,  
A quem o Inferno attinga.

10.

Oh ! cá vejo o bojo enorme  
D'hum assassino terrivel !...  
Eis o punhal, que não dorme !...  
Já salvar-me he impossivel.

11.

Impossivel ... que vergonha,  
Já não sei que o Ceo vigia ?  
Se a taboa me dá Noronha,  
Já não temo a tyrania.

12.

Sim Noronha eu cá me apego,  
Bem que debil mão já tenha,  
Mas, se após de ti navego,  
Que importa que o raio venha ?

13.

Todos os dragões do Inferno  
 Com pena, ou raio conjuro;  
 O teu poder he superno,  
 Heide ir a porto seguro.

14.

Monstros, que o sangue bebeis;  
 Da opressa humanidade;  
 Já vacillaes, já tremeis!  
 Já surge á luz a verdade?

15.

Rogi preverfos, trenei  
 A' vista da Protectora;  
 Hum apoio firme achei;  
 A minha forte melhora.

16.

Mas, Senhora, agrilhado  
 Inda geme hum innocente;  
 Inda soffro o choque ouzado  
 Do despoistimo potente!

17.

Inda mão que eu bem conheço  
 Os meus dias enxovalha;  
 Com punhal, que não mereço  
 O coração me retalha.

18.

O vosso esforço he preciso  
 A combater o inimigo;  
 P'ra volver do pranto ao riso  
 A' vossa sombra me abrigo.

19.

Eia pois, Senhora, o braço,  
 Que o Ceo arma em meu favor;  
 A quem dá desembaraço,  
 Sciencia, virtude, e amor.

20.

O amor da humanidade,  
 Que já do mundo fugia;  
 Que deixava a crueldade  
 Livre, na sua ousadia.

21.

O braço, Senhora, agora  
 Estendei a hum desgraçado;  
 Não deveis perder, hum' hora,  
 P'ra q' eu melhore de Estado.

22.

He tempo, tu me soccorre,  
 Pois a occasião perdida;  
 He como o Ente que morre,  
 Que nunca mais torna á vida.



23.

Evita-me a dura sorte  
 Deir viver além dos mares ;  
 De deixar filha, e consorte ,  
 De morrer em outros lares.

24.

Faze que na Patria viva,  
 Quem nunca a Patria offendeo;  
 Estende a mão compassiva,  
 Que não soccorres hum Réo.

25.

Soccorres hum desvalido ,  
 Innocente , condemnado;  
 Que jámais seguio partido  
 Que fosse contra o Estado.

26.

Hum vassallo , que observou  
 Sempre á risca o Patria Lei ,  
 E que attento respeitou ,  
 O Povo , a Nobreza, o Rei ,

27.

Que á Patria o repouso deo  
 Quando a Patria o precisava ;  
 E quanto póde off'receo  
 Contra o Corço, que a pizava.

28.

Aos mesmos que com fereza  
Me tem a honra offendida ;  
Com valentia , e destreza  
Defendi os bens , e a vida.

29.

Eis os meus crimes , meus erros ,  
Que premios dos meus trabalhos !  
Masmorras , Segredos , Ferros  
Injustiças , enxovalhos.

30.

A honra em premios não pensa ,  
Nem os tenho , nem os quero ;  
Mas he digna a recompensa  
De hum Dionysio , de hum Nero.

31.

Minha recompensa agora  
He só hum justo perdão ;  
Hasde alcançalo , Senhora  
Da pena , do crime não.

*A mesma Senhora, remetendo entre requeri-  
mentos do -- A --*

### EPÍSTOLA.

Senhora, a quem virtude adorna, esmalta  
A serie das acções resplandecentes  
De cujo coração sensível, terno  
Sahe a bem dos mortaes beneficencia;  
Ternura, amor, piedade a ti couberão,  
Da partilha, que fez o Ceo na terra,  
Que exercitas a bem da humanidade.

Alma instruida, ao bem fazer só dada,  
A quem vedon sciencia hypocrisia;  
Livre dos prejuizos arraigados,  
Por nosso mal, no seculo corrupto.

Cansado de buscar hum firme esteio,  
Que podesse emparar hum desgastado,  
Que vive, se he viver, gemendo em ferros:

Que apenas solto do materno seio,  
 Furia imprevista lhe cuspio no berço,  
 Raivosa inveja, esvoaando em torno  
 Da victima infeliz, inda innocente,  
 As garras lhe empolgon, foi sua a preza,  
 A ti se dirigio, e em ti sómente  
 Amparo achou, quem já não tinha amparo;  
 Quem deixado ao vaivem da sorte adversa  
 Era esquecido ao resto do Universo.

No pelago dos malles horrorosos,  
 Que mentira soprou, nutrio calumnia,  
 Lutava contra as vagas sanguinarias,  
 Que o peito nos cachopos me rasgavao,  
 E, se á taboa lançava a mão tremente,  
 Novo sulco a forvia, e nova ferra  
 Se oppunha á salvação, que procurava:  
 Já prompto a succumbir ao pezo enorme  
 Da Desgraça fatal, que me opprimia,  
 No meio dos tufões fazilla hum raio,  
 Que o porto me mostrou, e a ti me guia,  
 Eis a primeira scena, que a ventura  
 No Theatro dos malles me apresenta.

Minha sorte vacilla, o fado treme;  
 E as furias infernaes que me cercavão,  
 Teu nome ouvindo espavoridas fojem.

E quem oh! Alma grande, oh! sime Dêa?

A tu não feres me riscara o nome  
 Do livro, que a desgraça imprime, e assigna?  
 Quem desfizera o sello, que os tyrannos  
 Gravarão sobre a candida innocencia?  
 Que Atléta lutara braço a braço  
 C'o agigantesca furia; que me ataca?  
 Que a perda me jurou, e á prole minha?  
 Quem n'hum tẽpo tão máo que o inferno imita  
 Nos tormentos, nos malles, que execução,  
 Homens preverfos, que a lisonja nutrem,  
 Egoistas, crueis, adulladores,  
 Fanáticos, hypocritas, que fazem,  
 Mal por costume por int'resse proprio? (1)

Quem, senão fosses tu, soccorro detes  
 A quem se nega com rigor cruento  
 Ternura, compaixão, amor, piedade?

---

(1) A Commenda de Gomes Freire, foi dada ao filho de Antonio Gomes Ribeiro seu Juiz.

E

Tu só, só tu, ó generosa, ó terna  
 Me estendestes a mão, e á luz me tornas,  
 A' Esposa amante dás o amante Esposo,  
 Hum meigo Pai á innocente Filha,  
 Aos Pais cansados já, hum filho activo,  
 No Irmão, a cinco Irmãs, hum firme esteio,  
 A' Pátria hum Cidadão, e ao Throno Augusto  
 Hum Vassallo fiel, prestante amigo;  
 Na minha salvação feis homens salvas!

Que acção! que acção tão grande oh! quem  
 tivera

Só para eternizalla o engenho, a arte,  
 Que teve Homéro, ou que Virgilio teve!  
 Mas se eu não posso eternizar teu nome,  
 Outro virá que meus desejos viingue,  
 Em mim, nos meus, e em todos os que amparas  
 Terás na gratidão a recompensa,  
 Nem tal grandeza em outro premio pensa.

*No degredo do Author em Monte Video  
dirigida ao Illustrissimo, e Excellentis-  
simo Tenente General Carlos Fede-  
rico Lacer, com hum requerimento.*

### EPÍSTOLA.

Attende-me, Senhor, escuta os males,  
Que laceração minha alma intorpecida,  
Que já sem fogo em apathia vaga  
No mar immenso de horrida desgraça,  
Sem Piloto, sem leme, e vella, e vento,  
A' dispersão dos vagas sanguinarias,  
Sopradas por mentita, e vil, intriga,  
Por calumnia fatal, por odio eterno,  
Sem que ache a salvação nem veja o Porto;  
No meio dos tufões desmala, e motre.

Pela doçura, que te anima o rosto  
Escuta-me, Senhor, attende aos males,  
Que laceração minh' alma entorpecida.

E 2

Victima triste, martyr de injustiças,  
 Sem apoio, Patrono, ou luz, ou guia,  
 Reo alcunhado de horroroso crime  
 Que nem permite natural defença!  
 Jogo infeliz dos vomitos do inferno  
 Metido fui encarcere secreto,  
 Sem luz, sem agoa estreito, immundo, escuro;  
 No qual permaneci por luas quatro,  
 Sem que visse huma vez seus resplandores:  
 Vedado á luz, aos homens, á consorte,  
 'A' Filha, aos Pais, Itinãos ao mundo inteiro,  
 E sem que me escutasse arbitrio injusto  
 Sentença proferio, sem lei, sem prova.

Conjure pelos Ceos tua piedade,  
 Tens talento, virtude, estima, e aura;  
 Escuta-me, Senhor, attende aos malles,  
 Que lacerão minh' alma entorpecida.

A' Sentença fatal, se segue... ai triste  
 Separação... Familia desgraçada!  
 Ficas exposta aos malles da indigencia,  
 Sem varonil apoio a defender-te  
 Das ciladas do seculo corrupto;



Eis-me em lenho veloz rompendo as ondas,  
 Por cima do Equador, nutriendo a mente  
 Nos malles meus na sorte desastrosa,  
 Que meu tuçaro fado urdio raivoso :

E querendo traçar o quadro horrivel,  
 Do tormento fatal, que lasca, e pune  
 Meu doce coração, minh' alma afflicta,  
 Da desordem o campo achei propicio ;  
 A cer do inferno assombraria o quadro,  
 E o facho das humenides terríveis  
 Era o proprio pincel... sinistra escalla  
 Sirviria a medir distancia immençã!...  
 Mai ai, Senhor, quem poderá pintallo,  
 Se o pranto amargo desvanece as tintas!  
 Em nome da Justiça, que me assista,  
 Da honra, que te illustra, esmalta, e orna  
 Escuta-me, Senhor, attende aos malles  
 Que lacerão minh' alma entorpecida.

Felizmente cheguei onde a ventura  
 Pela primeira vez erige hum Throno ;  
 Ao mesmo dirigi em pranto amargo  
 Envolvidas as supplicas, as preces ;

Mas como inda a desgraça me empolgava,  
 Lançou terrível veo sobre a verdade,  
 Pois quasi sempre aos Reis, se occulta, ou pinta  
 Com côres emprestadas a virtude.

Dos Monarchas, que a historia nos nomcia  
 He o Sexto João o melhor d'elles,  
 Tem docil coração, he pio, he justo,  
 Testemunho nos seja a docil Graça  
 De Olinda aos habitantes concedida:  
 Se geme a innocencia agrilhoada,  
 Não vem sua oppreção do proprio Throno;  
 São homens seus Ministros, e por isso  
 Capazes de virtudes, e de crimes:  
 O meu existe só na mente d'olles!...  
 Ah! crêde-me, Senhor, assim não falla  
 O que não tem por titulo a innocencia;  
 O pezo do delicto a lingua prende,  
 E trás ao rosto effeitos do remorso:  
 Criminoso não sou, sou desgraçado;  
 He a piedade dos Heróes o esmalte:  
 Escuta-me, Senhor, attendo aos malles,  
 Que lacerão minh' alma entorpecida.

Quiz o meu fado menos rigoroso  
 Fazer menos pezado o meu degedo,  
 E em vez d'ir espitar fúdofo, e triste  
 Longe da Patria ausente da familia  
 Nos aridos sertões d'África adusta;  
 Vim receber, Senhor, os teus mandados  
 A's ordens de hum Heróe do novo mundo,  
 Que tem por timbre entre as acções guerreiras  
 O amor da humanidade, e bem dos povos,  
 Que dazendo com valor a espada  
 Desenvolve a politica mais fina,  
 Que páde unir hum Genetal aos planos,  
 Que tragara huma vez, e se desenvolve  
 A bem da tua Patria, e Glória sua,  
 Em honra da Nação do Throno Augusto,  
 Que inteirado huma vez desta verdade  
 Não deixará sem premio o teu esforço:  
 Não he, Senhor, a mão da dependencia,  
 Que grava os caracteres da verdade:  
 Sou ingenuo, Senhor, e o Mundo inteiro  
 Fará justiça a teus brilhantes feitos:  
 Entre os Lusos Heróes terás hum Busto,  
 Entre os Homens Illustres serás posto,  
 E teu nome nos seculos futuros

**Illustrará as paginas da historia :**

**Que acção mais digna de hum renome eterno !  
Que aquella a qual já deste hum fim glorioso !  
Guiar os homens ao dever sagrado  
De respeitar as leis da sociedade :  
Vencer guerreiros sem verter-lhe o sangue,  
He fazer mais que fugitar o Mundo  
Na frente dos Soldados Macedonios !  
Não sejas só piedoso c' os estranhos,  
Pertence-me tambem tua ternura,  
Baste-me a sorte desastrosa, e triste,  
Que ha tres annos, Senhor, me gasta os dias,  
Dias de pranto ás fúrias consagrados,  
Que só devião ser da Prole minha;  
Escuta-me, Senhor, attende aos malles,  
Que lacerão minh' alma entorpecida.**

## LEITOR.

Todos sabem a fatal consternação, que opprimio Lisboa no terrivel dia 18 de Outubro de 1817, dia que só tirado da cadeia dos tempos levaria consigo o ferrête lançado sobre a minha *Patria*, pelo estranho refinamento, com que a crueldade se esforçou a ligar a infamía á desgraça.

Eu pois tendo sido victima desse Despotismo inaudito, acha-me com a coragem, mais que ordinaria, para ser accusador dos *Ministros* que firmarão a Sentença a mais exacravel, que se tem proferido desde o principio das sociedades! com tudo, a presente Memoria, respeita a decencia, narrando apenas o tyranno modo com que fui tratado, e as sabidas causas, que derão lu-

gar áquella catastrophe; estas causas pe-  
 zavam sobre a Nação em geral, e he  
 esta mesma Nação, que defendendo os  
 direitos daquelles infelizes, torna em  
 seu interesse, aquelle objecto particu-  
 lar; reservando-lhe huma perpetua *Glo-*  
*ria* quando não tenham outra recompen-  
 ça. Eu já goso de parte desta *Gloria*,  
 pela opinião publica: fallo á face de  
 todo o Portugal; excuso, porém, aquel-  
 la parte da Magistratura, que se inte-  
 ressou por sua propria conveniencia, e  
 se interessa ainda, com incarniçamento,  
 para sustentar seus votos contra aquel-  
 les desgraçados, os quaes espero ver res-  
 tituidos á sua boa fama, e suas mise-  
 ráveis Viúvas remuneradas de tantas per-  
 das annullando-se aquella infame Senten-  
 ça por Ministros mais dignos de admi-  
 nistrarem as Leis; eu assim o espero,  
 e comigo todos os bons Portuguezes.

Memoria que o Author mandou unis-  
ar aos Autos, que produzirão a infam-  
me, e vergonhosa Sentença exe-  
cutada em 18 de Outubro de  
1817.

Illustrissimos Sanhores Juizes Rela-  
tor, e mais Adjuntos.

*Dans la distribution de la jus-  
tice ; tous les citoyens doivent être  
egaux pour lui ; le bon droit du  
plus vil des hommes doit l'emporter  
sur le credit du premier Seigneur,  
qui aura tort.*

Instet. polit de Bielf. pag 147. do 1. v.

Com o respeito devido a tão bene-  
meritos ; e sabios Ministros , Antonio

Pinto da Fonseca Neves, leva á attenção de Vossas Senhorias as causas, que motivarão a sua infame Sentença, pronunciada arbitraria, e tyrannamente no Juizo da Inconfidencia em 15 de Outubro de 1817 : Epoca em que a verdade dita occultamente, se tornava hum crime de moeda falça, e publicada, tomava a fórma do de *alta traição leza Magestade de primeira Cabeça!*

Eu não citei as muitas Leis, que existião naquelle mesmo tempo, contrarias aos votos daquelles Ministros (1) quando encabeçarão huma acção benemerita (como a de quererem aquellas infelizes victimas consumidas nas fogueiras infernaes do Campo de Santa Anna, remediarem os malles da sua Patria) em crime de alta traição! Essa vergo-

---

(1) Por nossa desgraça, e do Systema Constitucional, esses Ministros achão-se nos mesmos lugares, em que estavam, quando assignarão as mortes d'esse Apostolados!!



nhosa sentença (segundo a opinião pública, que he a Rainha do mundo) lançou huma nodoa na Nação Portugueza; que só póde ser lavada por Ministros de hum Governo liberal, tal como hoje existe; citar eu essas Leis seria mais insulto, que Memoria das referidas causas; e seria irrizorio que hum Militar as lembrasse aos conhecedores dellas.

Já, graças ao Ceo, não he crime de leza Magestade lembrar, e punir o Cidadão pelos seus direitos: já, graças ao Ceo, se não sommem em asquerosos segredos, como revollucionarios os homens, que pensão guiados pelo facho da razão: já graças ao Ceo, tenho de obedecer, e todos os Portuguezes, a hum Governo justo, que nos concede huma liberdade bem entendida, e justa: esta pois me assegura de não tornar a ler em Sentenças, que passem em julgado = *expressões sacrilegas*, e

*insidiasas na maior parte contra o Marechal General!!!* (2) e me impoem o dever de dizer a Vossas Senhorias a verdade, pela parte, que me toca, de tudo quanto souber a tal respeito, para ser endemnizado das incalculaveis perdas, que tive, resultado daquella atroz Sentença.

Ninguém ignora o ataque feito á honra, ás vidas, e fazendas dos Cidadãos, depois que o Despotismo tomou ascendencia sobre as Leis, fazendo hum crime do uso da liberdade, e direito natural: o periodo sanguinario desde 1808 até o felicissimo vinte, e quatro de Agosto de 1820, he hum monumento funesto para a historia Portugueza: oh! Regeneradores da nossa Illustrada Patria: graças ao vosso Patriotismo! vos estancasteis o sangue a tantas feridas; esmagasteis a Hidra, que lacera-

---

(2) He necessario não haver vergonha por se adullar assim hum Estrangeiro.

« Va hum povo, que gemia em silencio;  
 quebrasteis as cadeias vergonhosas da  
 nossa escravidão; e abrindo os diques á  
 nossa felicidade, mostraes aos povos ci-  
 vilizados, que os Portuguezes são ain-  
 da aquelles guerreiros, que affrontan-  
 do os perigos dos mares abrirão pela  
 primeira vez a estrada dos remotos cli-  
 mas d'Azia, e Africa! Esse espasso de  
 doze annos, torno a repetir, hia des-  
 penhando Portugal no maior precipicio;  
 a sua quéda era irremediavel: até se  
 temia a perda do nome portuguez! A  
 ignorancia, a malícia, e intriga; a am-  
 bição, a baixeza, a ociosidade, o or-  
 gulho, o desejo de enriquecer, sem  
 trabalho, á custa dos povos; a aversão  
 para a verdade, a lisonja, a traição, a  
 perfidia, o desprezo de toda a obriga-  
 ção, o abandono dos deveres de Cida-  
 dão, o temor da virtude d'ElRei, e  
 mais que tudo o rediculo perpetuo lan-  
 çado sobre a virtude, erão o caracter

dos Ministros do antigo Governo: o tratado, que fez D. Rodrigo com o Gabinete Inglez (não fallando em outros) causou-nos, e ainda causa perdas irreparaveis: o novo regulamento, além de outros damnos, removia a nossa industria para Inglaterra: as Viúvas dos Officiaes mortos na Guerra, sustentavam-se de lagrimas: o Monte Pio não se pagava: os Officiaes reformados pedião esmolla: á força Militar da Nação, passava quasi inteiramente a mãos de Estrangeiros: o seu Chefe também Estrangeiro, munido de poderes mais que inquisitorios, infamava, degradava, e enforcava quanto podia assombrallo! Oh! Testemunho funesto! Oh! Campo de Santa Anna!...

Esse monstruoso exemplo, foi terrivel; mas foi também a primeira pedra lançada no Edificio da nossa liberdade: o corpo da Lucrecia ensanguentado acabou com o Governo Monarchico de Ro-

ma: o devedor que appareceu na praça cuberto de chagas, mudou a fôrma da República: o sacrificio de Virginia, destruhio os decenviros. Eis o que produzem semelhantes espectaculos!...; e que esperavão esses monstros, da horrerosa Scena do dia 18 de Outubro de 1817? o povo soffocou as suas lagrimas, e esperou até que outra sociedade de homens benemeritos, acabasse com o Governo oppressor: esse dia chegou, e foi o de 24 de Agosto de 1820.

Os malles que deixo referidos, e os mais, que todos sabemos, forão os degrãos por onde sobirão ás forcas o benemerito Tenente General Gomes Freire de Andrade, e seus companheiros! em cuja sociedade fui envolvido: não tratarei aqui do modo como o fui, por que se deve conhecer dos autos; mas tratarei do rigor, e ignominia com que fui tratado; maneira só propria de hum Goverdo tyranno, e arbitrario.

F

Fui preso seria huma hora da manhã do dia 15 de Maio de 1817; conduzido ao Castello, e mettido em hum segredo; da qual foi tirado, para eu entrar, hum soldado do primeiro Regimento de Artilharia, que tendo assassinado dous homens, morreu enforcado dahi a quatro mezes e findos onze dias, passei para outro segredo do Limosiro, não mais que a instituição segreda de *Inferno* do qual sahi para outros, e em todos tres estive cento, e quatro dias; findos os quaes fui avisado para responder de facto, e direito; mas que direito podia allegar, que me salvasse da má vontade de hum Governo tyranno, despora, e infame? De hum Governo, que sem estar ainda algum crime provado, isto he, no dia immediato das prisões, trata de vindicar o povo contra os infelizes que já contavão pendurados na forca! divulgando em huma Portaria, que já estavam presos

os traidores, que querião fazer correr  
o sangue em Portugal, e incendiar Li-  
bras ! (3) passando o seu atrevimento a  
servir-se dos sagrados meios da Religião  
para taes assassinatos mandando-se em  
hum Paestral, que se dessem graças a  
Deus pelas prizaes dos traidores !!! Mon-  
chos ! e não vos ilatéra o remorse ?  
não ; porque este movimento interior  
não cabe se não aos homens a quem  
ainda resta alguma virgude ; em cuja  
partilha não entrarão os Tigres, e os  
Leões.

O Lorrado, que me defendeo ale-  
gor em meu favor, que pôde, e quan-  
to o permitto o despotismo daquelles  
desgracados tempos ; o resultado foi o  
Acórdão ( parece que dormião aquelles  
Ministros ) arbitrario, que se acha na

~~no original como em um~~  
(3) A Proclamação que também assignou An-  
tonio Gomes Ribeiro em 29 de Agosto de 1820,  
teria o mesmo resultado ; isto he, mais ferocia,  
e mais fúria.

Sentença impressa a folhas vinte, e seis. *Condenção também o Réo Antonio Pinto da Fonseca Neves em dez annos de degredo para Moçambique, e em confiscação de metade dos seus bens; no qual não apontão crime, nem Lei que o mande punir.* Esta clacificação estava reservada, ao Gabinete do Rio de Janeiro, e ao Quartel General como mostrarei em seu lugar.

Desta arbitrária Sentença se seguiu toda a qualidade de aprobrio, como, ir á casa de India, e Mina em huma sege rodeada de oito soldados, e hum cabo, com hum qualquer cousa, a quem chamão *Meirinho dos degradados*, e a quem dei 4800 em metal para evitar maior insulto, isto he, lições de cordas, algemas, apginhos &c. &c. Fui por este mesmo digno companheiro, entregue ao Capitão da Ribeira, Theodoro José Laurentino, encarregado da remessa dos degradados aos seus desti-



'nos, ao qual pedindo-me inviasse ao Rio de Janeiro servindo-me este Porto de escallá para dali ir ao meu destino, foi-me respondido = *que tinha ordem passiva para me não mandar pelo Rio de Janeiro*: tanto he verdade que se não deixarão chegar aos ouvidos d'ElRei as queixas dos infelices! mas a dita licença foi-me concedida depois de anno, e meio de prizão; por já terem preparado contra mim aquelle Gabinete: sustentei-me á minha custa em todo este tempo de prizão, em Portugal, no Rio de Janeiro, e em Monte Video, em cujas viagens gastei grandes sommas, assim como em inuteis Requerimentos Procuradores, e outras vias, que a dencia manda calar, e que nem hum effeito tiverão, se não no fim de nove mezes, que estive a bordo da Presigança, o seguinte Decreto: " Por justos „ motivos que me forão presentes, e „ se fizerão dignos da minha Real co-

„ miseração ; e muito principalmente  
 „ em reverencia ao dia certa festa maior,  
 „ em que Francisco Antonio de Sousa, e  
 „ Antonio Pinto da Fonseca Neves, re-  
 „ correrão á minha Real piedade sup-  
 „ plicando-me o perdão das penas em  
 „ que forão condemnados por Inconfi-  
 „ dentes o primeiro por toda a vida pa-  
 „ ra Angola, e o segundo em dez an-  
 „ nos para Moçambique: hei por bem  
 „ commutar-lhes as referidas penas em o  
 „ serviço das minhas Tropas em Monte  
 „ Vídeo, A Meza do Desembargo &c.  
 „ &c. em nove de Abril de 1819. „  
 „ A palavra Inconfidentes, que não acha-  
 „ va na Sentença, me fez requerer a cer-  
 „ tidão das guias, {que me acompanharão  
 „ para o Rio de Janeiro, nas quaes se  
 „ achão as seguintes notas. ” Francisco  
 „ Antonio de Sousa casado com Dona  
 „ Maria Joaquina Angelica de Sousa...  
 „ condemnado em degredo perpetuo pa-  
 „ ra o Reino de Angola, por crime de

Incidente — Antonio Pinto da Fonseca Neves, casado com Dona Catharina Filothia Botelho: este Reo foi condemnado em degredo por dez annos para Moçambique, e isto por culpa, e motivos!!! (4) „ condemnar por culpa e motivos, sem declaração dos seus motivos, e dessas culpas, só lembrou aos Desembargadores Antonio Gomes Ribeiro, e a seus Adjuntos, e foi hum methodo novo, achado por elles, de condemnar, ou flagelar.

Com as referidas notas, fiz outro requerimento que foi indeferido: nestas circumstancias fui para Monte Video, sem se me declarar a minha Patente, requerida em mais de vinte requerimen-

(4) Portuguezes attentos reflectal sobre esta nota: ha mais vergonhoso modo de condemnar? Por motivos! Eis os Ministros do nosso antigo Governo! Todos, todos estavamos sujeitos, ás forcas, e ás fogueiras. Odio, e mais odio aos despotas: só hum Governo Constitucional nos convem.

tos, sem algum resultado, porque nunca tiveram despacho; e por consequencia não podendo o General commandante das forças naquella parte oriental do Rio da Prata empregar-me como Official, fiquei alli como hum simples degradado the o dia 12 de Abril do corrente anno de 1821, no qual embarquei para Gibraltar, d'onde por terra, entrei na minha Patria, no dia tres de Julho do mesmo anno, graças ao Governo Liberal.

Quando sahi do Limociro, para ir ao meu destino, fui em huma cadeirinha da Ribeira, na qual (supponho que por desprezo) me levarão com as costas, para onde devia ir á frente, e cercado de Soldados fui servindo de alvo do povo: no Rio de Janeiro, fiquei prezo a bordo da priziganga, mais de nove mezes, e para me não lançarem ferros aos pés, foi-me necessario toda a força de expressão, e abonar a minha conducta com

alguns conhecidos, que existião naquella Corte! E he este o modo de tratar hum Cidadão, que em Paizano, Cadete, e Official tinha exposto a sua vida pela sua Patria?

O Ajudante da Intendencia *Cazal Ribeiro* com o rizo na boca, e o diabo no coração, fez quanto estava da sua parte, para reduzir-me a cinzas no campo de Santa Anna, e do Quartel General, sahio huma ordem assignada pelo Ajudante General Manoel de Brito Mozinho, a qual mandava se transcrevesse (como com effeito se transcreveo) no Livro Mestre do Regimento a seguinte nota  
 = " Foi preso por ordem do Governo  
 „ em 25 de Maio de 1817, por crime  
 „ de Lesa Magestade da primeira cabeça,  
 „ ça, e alta traição, e sentenciado pelo  
 „ Tribunal competente (que bellos Juristas  
 „ havia neste Quartel General, ou  
 „ boceta de Pandora) em dez annos de  
 „ degredo Moçambique, &c. &c. „ =

No Quartel General condemnáram-me por traidor! No Rio de Janeiro por Inconfidente! (5) E por mais diligências que fiz para se me riscar semelhante nota foi tudo inutil: o despotismo, e o arbitrio ligarão o Governo de Portugal, ao do Rio de Janeiro; a chicana era a mesma, como mostro no seguinte facto,

Conduzi para Hespanha hum grande comboi de munições de guerra, instalei dous Depositos, hum em Medina d'El-Rio, outro em Palencia; commandei-os, e municeiei o Exercito por varias vezes; houve verão transações neste meu commando e porque o meu degredo fosse longo em distancia, e tempo, requeci ao Governo para dar contas; o Governo mandou por hum Aviso que *informa-se o Juiz dos degradados*, e depois d'este mandar fazer huma revista aos meus documentos; foi escusado o requerimento, por

---

(5) Eis provada a clacificação dos crimes no Quartel General, e no Rio de Janeiro.

Portaria de 17 de Novembro de 1817: fiz logo outro requerimento, no qual pedi para conservação dos meus bens; se me dessem as contas por dadas, visto não ser admitido a dadas; foi também indeferido! Não me deixarem dar contas, nem darem-mas por dadas! Póde chegar a mais o despotismo? No Rio de Janeiro fiz outro requerimento, allegando os dous indeferidos, e pedindo novamente a admissão das minhas contas; mas como o primeiro despacho, foi também hum Aviso, para também informar o Juiz dos degradados, não cuidei mais das contas, que ainda estão por dar (6): eis o homogenio dos dous Governos. Cá, e lá mas fadas havião.

A todas estas injustiças, vexames, enxovalhos, e despesas, acresce a inter-

---

(6) Como não erão capazes de dar conta da sua administração publica, não se embarcavão com as contas dos outros: por isso temos tamanha divida Nacional.

rupção da minha carreira militar; pois que venho achar segundos Tenentes, que são mais modernos, todos Capitães, e Officiaes Inferiores primeiros Tenentes.

Finalmente, se nesta Memoria fizera hum deta-lhe de tudo quanto soffri, cançaria a Vossas Senhorias, e faria mais odiosos ao publico, todos os Ministros, que tiverão a fraqueza, ou a maldade de preferirem; e assignarem hum tal Sentença, contra tantos Cidadãos só para adularem hum chefe Estrangeiro; encabeçando em crime de Lesa Magestade a opposição á sua prepotencia! Em quanto á parte, que tive n'ella nada mais se póde conhecer, senão que eu sabia daquella sociedade, e que não delatei: eu ser hum delator! E hum delator a bem de hum Estrangeiro! Não, os homens da minha educação moral, e conducta, não servem para delatores, ou carrascos; isso he proprio de hum Bacharel Sá, de hum *Pedro Pinto de*



*Moraes Sarmiento; e de hum José de Andrade Corvo, &c.*

Espero portanto, e pelo mais que allegar em meu favor o benemerito Letrado Filippe Arnand de Medeiros, que aquella minha Sentença seja annullada conforme o direito, e que me sejam pagos tantos prejuizos, que della me resultarão: protestando á minha Patria, que eu veroi, se necessario fór, correr o meu sangue pela utilidade da Nação, e Systema Constitucional, como bom Portuguez.

*Antonio Pinto da Fonseca Neves.*

**Forma da recepção por juramento**  
 que derão, as infelizes victimas, sacrificadas em 1817 em São Julião da Barra, e campo de Santa Anna, sendo Juiz Relator o Desembargador Antonio Gomes Ribeiro, e Adjuntos os Desembargadores D. João Killyguas Sarmento, José Antonio da Oliveira Leite de Barros, Estanislau Antonio de Araújo, José Ribeiro Saravira, Antonio José Gélido e o Dr. Bragança da Costa, e o João Antonio Salazar da Alameda =.

### *Perguntas no acto de Juramento.*

1. Se era Portuguez?
2. Que pensava do Estado lastimoso da sua Patria?
3. Quaes julgava serem os seus deveres como Portuguez?
4. Se desejava cumprir com os deveres de Portuguez unindo-se a huma

sociedade destinada a morrer pela satisfação delles ) &c. &c. (7)

Julgue o Publico se os Ministros que mandarão enforçar aquelles bons Portuguezes podem ser bons Ministros; e jurarem sinseramente a nossa Constituição.

PROTESTO.

Fui, sou, e serei até o ultimo momento da minha vida, Portuguez.

Conheci a desgraça da minha Patria naquelles nefandos tempos, por influxo de hum punhado de tyrannos.

Julguei, julgo, e julgarei ser do meu dever; e o de todos os bons Por-

---

(7) Eis os crimes porque assassinarão o nunca assáz chorado Tenente General Gomes Freire de Andrade, e mais onze Portuguezes, que todos tinham servido com honra a sua Patria!!!

Quelle ressource dans um Etat lors que on y egorge l'innocence au nom des Loix que doivent la defendre ?

Elog. de Marc. Aur. por M. Them. pag. 61.

tuguezes, cooperarmos com todas as  
nossas forças para a imprehendida, e  
conseguida Regeneração.

Desejei, desejo, e desejarei poder  
ser útil á causa Nacional, e juro mor-  
rer por ella.

*Antonio Pinto da Fonseca Neves.*

**FIM.**

*Assignantes os Illustrissimos Senhores.*

**Antão de Saldanha, Conde da Ega.**

**Augusto José Henriques Gonzaga.**

**Alexandre Antonio de Sousa Freitas.**

**Alexandre Antonio Gonçalves de Magalhães.**

**Antonio de Padua da Costa de Almeida, Major.**

**Antonio de Vasconcelos Abranches, Capitão.**

**Antonio Avelino da Costa, Capitão.**

**Antonio Brandão de Castro, 2. Tenente.**

**Antonio José Borges Gameiro.**

**Antonio Feliciano Alves de Azevedo.**

**Antonio Pedro Teixeira de Aragão, Tenente.**

**Antonio Paulo Duarte Pereira, 2. Tenente.**

**Antonio Maria da Fonseca.**

**Antonio Figueira de Almeida.**

**Antonio Zeferino Tavares de Carvalho.**

**G**

Antonio Maria Gonçalves da Costa, *Tenente*.

Antonio José de Lima.

Antonio de Sousa Menezes.

Antonio Feliz de Mendonça Arraes, e  
Mello.

Bartholomeu da Nobreza Baldaqua.

Baltesar de Sousa Menezes.

Christiano Frederico.

Christovão José Franco Bravo, *Capitão*.

Eactano José Vaz Parreiras, *1. Tenente*.

Cypriano José Soares, *1. Tenente*.

Cypriano José da Silva, *Coronel*.

Duarte José da Silva Freire.

Diogo José Victor de Santa Anna.

Diogo de Sousa Menezes.

Eleuterio Joaquim Maciel, *2. Tenente*.

Feliz Lauriano de Mendonça, e Silva.

Fructuoso de Paiva Cardoso.

Francisco de Paula Borges da Silveira.

Francisco Gaspar Pegas de Béja.

Francisco Antonio Correa.

Francisco José de Caldas, e Brito.

Francisco Luiz de Gouvea Pimenta.

Francisco Romão de Goes.

Francisco José Pereira de Noveinha.

Frei Manoel da Cunha Reis.

Francisco Manoel Ribeiro de Araújo,  
*Major.*

Francisco José Velez Barreiros, *Major.*

Fernando Homem Carneiro, *Alferes.*

Francisco de Paula da Cunha Brabosa,  
*2. Tenente.*

Francisco Gonçalo Pereira Rolim, *2.  
Tenente.*

Francisco Antonio de Menezes, e Sousa.

Gregorio Antonio Pereira de Sousa, *Aju-  
dante.*

Guilherme Frederico Marcell.

Guilherme Gomes.

Henrique Mariz Pereira, *Tenente.*

Ignacio José da Costa.

Januario Correa.

João Pires dos Santos Chaves.

João José de Mesquita, e Moura.

João Domingues Pegas de Béja.

João Pedro Soares de Luna, *Capitão*.  
 João José da Silveira Aguiar, 1. *Tenente*.  
 João Visella Bastos, 2. *Tenente*.  
 João Carlos de Lara Carvalho.  
 João Antonio Lopes.  
 Joaquim Eugenio da Costa.  
 Joaquim Vieira de Mello.  
 Joaquim Celestino Gonçalves.  
 Joaquim Xavier de Sousa.  
 Joaquim Coelho das Neves.  
 Joaquim José Tristão  
 José Antonio Borges da Silva.  
 José Jeronymo Pires Moreira.  
 José Pedro Borges da Silveira.  
 José Pedro de Mello, *Capitão*.  
 José Joaquim Pereira de Mello.  
 José Maria de Abreu Castello Branco.  
 José Ignacio Pinto Machado, *Tenente*.  
 José Xavier Versane Leite.  
 José Botelho Soure.  
 José Jeronymo Granate, *Tenente Coronel*.  
 José Manços de Faria, 1. *Tenente*.  
 José Maria Moreira de Bergara, 1.  
*Tenente*.



José Joaquim Barreira, *Capitão.*

José Bento de Sousa Fava, *Capitão.*

José Bernardo Teixeira Marinho.

José Maria de Saldanha da Cunha, *Tenente.*

José Guilherme de Lima.

José Pimentel.

José Ignacio de Freitas Pedrosa.

José Bello de Araujo, *Tenente.*

Leonardo Marcelino da Graça.

Luiz Rodrigues Teixeira.

Luiz Guilherme Coelho, *1. Tenente.*

Luiz de Moura Furtado.

Luiz Manoel de Moraes Rego, *Capitão.*

Mauricio José Correa.

Matheus Valente do Couto, *Lente da Real Aula da Marinha.*

Manoel Ribeiro de Araujo, *Brigadeiro.*

Manoel Maria da Fonseca.

Manoel Luiz da Silva, *Tenente de C. de L. Oriental.*

Narcizo Freire Carneiro.

Ricardo Leão Quartem.

**Redactor do Astro da Lusitania, com  
tres exemplares.**

**Sebastião Lopes Vidal, Tenente.**

**Frisão de Arango Abreo, Capitão.**

**Theodoro José Duarte, Major.**

**Theodoro Lazaro de Sá.**

**Valerio Caetano de Almeida Campos.**

**Vicente José Borges da Silveira.**









**ÖSTERREICHISCHE  
NATIONALBIBLIOTHEK**

**ÖNB**

